



ETNOGEOMORFOLOGIA E ENSINO CRÍTICO: A PAISAGEM COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Caio Camilo da Silva ¹

Lucas de Paulo Silva²

Gabriela Garcia Santana Lopez ³

RESUMO

Compreender os saberes tradicionais e sistematizar diferentes culturas e as dinâmicas da natureza — trazendo consigo os processos formadores de relevo e o uso e manejo das paisagens pela sociedade humana — compõe o campo da etnogeomorfologia, que é o pilar da abordagem de Geografia Física que queremos trazer para a sala de aula. O desafio está em valorizar as vivências, representações e o relacionamento do aluno com o espaço geográfico. O artigo propõe discutir experiências e trabalhos voltados à etnogeomorfologia, com base em uma metodologia didática de orientação crítico-social, na qual o aluno e sua relação com a natureza cotidiana estão no centro do processo de ensino-aprendizagem. A proposta adota uma abordagem geossistêmica, evidenciando como os estudantes se relacionam com a natureza geomorfológica em seu dia a dia, estabelecendo, assim, uma conexão com o contexto etnogeomorfológico. Nesse sentido, o papel do professor é fundamental, atuando como mediador na construção do conhecimento, ao considerar os saberes prévios dos estudantes e suas vivências territoriais. A concepção de “paisagem familiarizada” é apresentada como um elemento facilitador para a compreensão prévia de noções de geossistemas por parte dos alunos, permitindo uma leitura mais sensível e significativa do espaço. A identificação de feições geomorfológicas locais, bem como das nomenclaturas atribuídas por comunidades tradicionais, pode contribuir para uma maior aproximação entre os conhecimentos científicos e os saberes populares. Essa aproximação favorece a valorização de identidades culturais e amplia a percepção crítica dos estudantes sobre o meio em que vivem. A partir da lente etnogeomorfologia, compreende-se que as paisagens — especialmente as geomorfológicas — são mais do que sistemas dinâmicos integrados: são vividas e, por isso, carregadas de sentido e significado. Assim, o artigo apresenta a construção de um plano de aula coeso, alinhado às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o sexto ano, centrado no aluno e tendo como eixo principal as noções geomorfológicas presentes no cotidiano dos próprios estudantes.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia enfrenta desafios significativos quando se trata de conectar saberes científicos às vivências cotidianas dos estudantes. Nesse cenário, a

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ/FFP, caiocamilogeo22@outlook.com

² Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ/FFP, lucasdepaulo0123@gmail.com

³ Doutora em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica - PUC/RIO, gabigarcialopez@gmail.com



etnogeomorfologia é um campo novo de investigação na ciência geográfica, que se desenvolve a partir da intersecção entre os estudos geomorfológicos clássicos e o reconhecimento de práticas e conhecimentos de comunidades tradicionais sobre o espaço onde vivem e atuam. Conforme elucidada por Ribeiro (2016), emerge como uma vertente da geomorfologia. Ela se dedica a identificar e organizar o conhecimento acumulado por comunidades tradicionais ao longo de gerações sobre as formas e processos do relevo e, como esse saber ainda influencia a maneira pela qual essas comunidades estruturam seu espaço produtivo. De acordo com Lopes (2016) é crucial resgatar os valores das culturas locais relacionados ao relevo, pautando-se sob a ótica do entendimento e práticas de uso e manejo que essas comunidades exercem sobre a paisagem geomorfológica de que fazem parte, dando grande ênfase também aos processos geomórficos atuantes ali.

Ademais, utilizamos uma bibliografia composta por autores que abordam o tema em diferentes perspectivas, a qual serve de base para a discussão teórica e o desenvolvimento deste trabalho.

O artigo propõe uma reflexão crítica sobre como essa abordagem pode ser incorporada ao ensino básico, valorizando práticas pedagógicas que aproximem o conteúdo geomorfológico da realidade vivida pelos estudantes. Com isso, elabora-se um plano de aula que posiciona o aluno como protagonista do processo de aprendizagem, partindo de sua relação concreta com o território e a paisagem em que está inserido. Ao articular teoria e prática, o objetivo é evidenciar a importância de um ensino que reconheça os saberes locais e promova o diálogo entre o conhecimento científico e as experiências cotidianas.

A pesquisa parte de uma metodologia didática de orientação crítico-social, na qual o conhecimento geográfico é construído a partir das experiências dos estudantes. Segundo Luckesi (2003, p. 69) “A difusão de conteúdos é primordial, não conteúdos abstratos, mas vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais”. De acordo com Freire (2021), é fundamental possibilitar a própria produção e construção do indivíduo, valorizando seus conhecimentos preexistentes e sua interação com o ambiente. Adotamos para isso, uma abordagem geossistêmica, buscando evidenciar como os alunos percebem e interpretam as feições geomorfológicas em seu cotidiano, estabelecendo pontes entre o conhecimento científico e os significados culturais atribuídos às paisagens.



A justificativa implícita deste trabalho reside na necessidade de reformular o ensino com base da Geografia Física tradicional, uma geografia fortemente influenciada pelo positivismo. Segundo Antonio Carlos Robert Moraes (2007), a manifestação dessa filiação positivista está na redução da realidade ao mundo dos sentidos, isto é, em circunscrever todo trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos. Assim, para o positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis, como se os fenômenos se demonstrassem diretamente ao cientista, o qual seria mero observador. Em oposição à perspectiva positivista, Yi-Fu Tuan (1980, 1983) introduziu uma concepção de paisagem ancorada na percepção, na vivência e no sentimento dos sujeitos em relação ao espaço. Essa abordagem é retomada por Simone Ribeiro (2015), ao analisar a paisagem sertaneja a partir das experiências cotidianas de seus habitantes. A autora, ao adotar os estudos perceptivos de Tuan (1980, 1983) como baliza teórica, afirma:

“[...] codificando como esta paisagem é incorporada na dimensão cognitiva de seus atores, ou seja, como a percepção que os sertanejos têm dos elementos da paisagem – seus processos e formas – vai influenciar de forma decisiva suas ações sobre esta, modificando-a e moldando-a.”
(RIBEIRO, 2015, p.179).

Com isso, evidencia-se que a paisagem deixa de ser entendida apenas como um dado físico ou visual e passa a ser compreendida como construção subjetiva e cultural, resultante da interação entre os sujeitos, seus saberes e o meio. Dessa forma evidenciar a identificação de formas de relevo locais e suas nomenclaturas tradicionais pode facilitar a compreensão de processos geomorfológicos, e na proposição de caminhos para uma Geografia Física mais dialógica e sensível às realidades discentes.

METODOLOGIA

A metodologia tem como base um levantamento bibliográfico sobre etnogeomorfologia e textos destinados à educação crítico-social, a partir dos quais foram traçados objetivos centrais para o artigo: Pautar sobre a etnogeomorfologia e sua



importância como conteúdo para a prática docente e elaborar uma atividade para se aplicar em sala de aula alinhada a BNCC para o 6º ano do ensino fundamental.

Do ponto de vista didático, trazer a etnogeomorfologia para a sala de aula significa construir pontes entre o saber vivido e o saber sistematizado, promovendo a inclusão epistemológica e a valorização da diversidade de formas de conhecer o mundo. Os relatos orais e as experiências territoriais dos estudantes tornam-se, assim, fontes legítimas para a construção do conhecimento geomorfológico.

Nesse sentido, visa-se a importância da inserção da etnogeomorfologia no ensino fundamental 2 como estratégia de mediação entre os saberes locais e os conteúdos da Geografia Física. A escolha dessa abordagem parte da constatação de que ainda há um distanciamento entre os conteúdos ensinados e a realidade vivida pelos alunos. Superar essa lacuna é fundamental para tornar o ensino de Geografia mais engajado, crítico e conectado com a vida.

Instituição:		
Professor:		
Ano: 6º ano	Nº de aulas: 3	Carga horária: 150 minutos
Disciplina: Geografia		
Habilidades da BNCC:		
(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.		
(EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.		



Tema: Relevos e suas diferenças - a geomorfologia enquanto espaço vivido

Conteúdo:

- Relevo e suas feições (morros, vales, rios, encostas etc.)
- Etnogeomorfologia: saberes locais sobre o relevo
- Cartografia afetiva e representação do espaço

Objetivo Geral:

- Compreender o conceito de relevo a partir da realidade local e das vivências dos alunos, integrando saberes populares e científicos.

Objetivo Específicos:

- Identificar elementos naturais e culturais presentes na paisagem local;
- Valorizar os nomes, histórias e significados atribuídos pela comunidade ao relevo;
- Desenvolver noções iniciais sobre o conceito de geossistema e sua dinâmica;
- Estimular a percepção crítica do espaço vivido;
- Incentivar a oralidade.

Metodologia:

1º Momento: organização da turma em roda (15 minutos)

- Momento de recepcionar os alunos, organizá-los na sala e formar uma roda.

2º Momento: Atividade de perguntas sobre os locais que conhecem (20 minutos)

Perguntar aos alunos: “Quais são os lugares do seu bairro que você conhece bem? Tem algum nome diferente ou especial que as pessoas usam para se referir a esse lugar?”

3º Momento: Ensino sobre relevo(50 minutos)

Ensinar sobre as principais formas de relevo e exemplificar as formas de relevo da região.

4º Momento: (30 minutos)



Discutir coletivamente os elementos do relevo, solo e hidrografia que estão presentes no dia a dia dos alunos.

5º momento: (35 minutos)

Atividade em cartazes sobre locais e os nomes como os mesmos conhecem esses locais

DISCUSSÃO

Como vimos, a etnogeomorfologia propõe uma interseção entre os estudos geomorfológicos e os saberes pré existentes dos alunos, promovendo um diálogo entre o conhecimento científico e os conhecimentos locais. Esses saberes, muitas vezes construídos de forma oral e experiencial, revelam uma percepção complexa e historicamente enraizada das dinâmicas da natureza e da paisagem. Isso revela que as formas pelas quais as comunidades locais nomeiam, percebem, se relacionam com a paisagem e descrevem processos geomorfológicos de forma coerente e funcional, ainda que fora da linguagem técnico-científica formal, também deve ser considerada para estudos e ensinamentos. Inserir esses saberes no debate acadêmico e didático da Geografia significa reconhecer sua legitimidade e promover uma verdadeira inclusão epistemológica.

Ao abordar o conceito de geossistemas, é fundamental realizarmos uma contextualização histórica e epistemológica da Geografia, especialmente no que diz respeito à evolução das formas de compreender o espaço geográfico. Durante boa parte do século XX, predominou uma abordagem fragmentada, na qual o território era analisado por partes isoladas e sob categorias funcionais específicas; como “região natural”, “região agrícola” ou “região industrial”. Cada uma dessas classificações buscava compreender o espaço a partir de um único critério predominante, seja o clima, o tipo de solo, a vegetação ou a atividade econômica, ignorando muitas vezes a articulação entre os múltiplos elementos que compõem a paisagem.

A visão sistêmica também foi um importante acontecimento para a Geografia. O direcionamento para a sistematização e a integração do meio ambiente com seus elementos, conexões e processos como um potencial a ser utilizado pelo homem, adquire importância crescente (TROPPMAIR; GALINA, 2006), tal abordagem permitiu observar o espaço não como um cenário, mas como sistema vivo com potencialidades.



A paisagem, nesse contexto, deixa de ser apenas uma configuração natural observada de fora, para ser reconhecida como uma construção simbólica, vivida e carregada de sentidos. Essa é a chave para a distinção entre paisagem sensível e paisagem como sistema, conceitos que se entrelaçam na proposta de ensino da etnogeomorfologia.

Ainda que os olhares sobre uma mesma paisagem não sejam os mesmos, à medida que nunca partem de um mesmo ponto de vista, entendemos que as paisagens só podem ser concebidas a partir de uma real experiência do lugar (DARDEL, 2019). Sendo assim, cada experiência territorial contribui para uma leitura específica e subjetiva da paisagem, tornando o conceito de geossistema não apenas uma ferramenta analítica, mas também uma possibilidade pedagógica de aproximação entre a ciência e o vivido. Essa distinção entre paisagem vivida e paisagem sistêmica não deve ser vista como oposição, mas como complementaridade a etnogeomorfologia, que ao articular essas duas dimensões, permite integrar as formas e processos do relevo com os significados e usos atribuídos pelas comunidades.

Ao analisarem o relevo do próprio bairro, suas colinas, nascentes, encostas e caminhos, os alunos não apenas desenvolvem habilidades de leitura geográfica, como também são levados a valorizar o conhecimento do cotidiano. Nesse sentido, a abordagem geossistêmica torna-se uma potente ferramenta pedagógica. Ela permite que o professor atue como mediador entre o saber científico e o saber local, mostrando que ambos são necessários para compreender os processos que moldam o espaço geográfico. Ao mesmo tempo, contribui para uma formação crítica e situada, que reconhece as paisagens não apenas como cenário, mas como sistemas vivos e significativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar Geografia Física com base na realidade vivida pelos alunos não é apenas uma escolha metodológica, um posicionamento político e epistemológico. Pensar em proposições para um setor extremamente estratégico como a Educação, pelo viés geográfico, além dos argumentos já desenvolvidos, principalmente da educação como direito territorial, nos coloca em movimentos de compreendê-la em diálogo com Paulo Freire, que a entende como “um processo de conhecimento, formação política,



manifestação ética, procura da beleza e capacitação científica e técnica” (FREIRE, 2001, p. 10). Tal concepção contém elementos centrais para sustentar proposições educacionais para além da lógica neoliberal de maneira ampliada e da geografia escolar especificamente. A etnogeomorfologia, enquanto abordagem integradora entre a ciência geomorfológica e os saberes tradicionais, permite romper com a lógica abstrata e distanciada que historicamente marcou o ensino da Geografia nas escolas brasileiras. Ao valorizar os saberes locais, os nomes populares dados às feições do relevo, as histórias associadas aos lugares e os usos cotidianos do território, o ensino torna-se mais significativo, afetivo e crítico. Os alunos deixam de ser meros ouvintes e fixadores de conteúdos e passam a ser sujeitos do conhecimento, reconhecendo-se integrante do espaço que estudam e vivem.

Do ponto de vista didático, a aproximação entre a leitura geossistêmica e a realidade favorece a construção de conceitos sólidos, pois parte do vivido em direção ao teórico. O docente assume o papel de tradutor de linguagens, conectando a ciência escolar com o saber popular, respeitando o repertório dos alunos e ampliando-o de forma crítica.

Além disso, ao alinhar-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a proposta didática apresentada se articula com os direitos de aprendizagem dos estudantes e com os princípios de uma educação que valoriza a pluralidade cultural, o pensamento reflexivo e o pertencimento territorial. Portanto, a etnogeomorfologia é uma potente aliada na construção de um ensino mais justo, plural e conectado à vida. Ensinar a partir do lugar é ensinar a partir do afeto, da memória, da história e da luta, é formar sujeitos conscientes de si e de seu espaço.

Palavras-chave: Etnogeomorfologia, Geossistemas, Ensino de Geografia, Paisagem, BNCC

REFERÊNCIAS

BARROS E ALMEIDA, M. A. N.; CARVALHO, A. T. F.; NETO, L. E. N.; MEDEIROS, J. F. Etnogeomorfologia no processo formativo de professores de geografia: convergindo saberes locais e conhecimentos geomorfológicos = Local knowledge and geomorphological knowledge. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 31–43, jul./dez. 2023.



BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

DARDEL, E. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: _____. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Trad. W. Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Cap. 2, p. 47.

GEOLANDS. LIV(f)E com o GEOLANDS – Etnogeomorfologia Sertaneja – Saberes populares na compreensão da paisagem. YouTube, transmitido ao vivo em 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/GEOLANDS>. Acesso em: 26 jun. 2025.

KOK, G. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa. Anais do Museu Paulista, São Paulo, nova série, v. 17, n. 2, p. 91–109, jul./dez. 2009.

LOPES, V. M.; RIBEIRO, S. C. Etnogeomorfologia e paisagem. Revista de Geociências do Nordeste, [S. l.], v. 2, p. 212–220, out. 2016. DOI: 10.21680/2447-3359.2016v2n0ID10443.

LOPEZ, G. G. S. Geografia e percepção: uma análise da travessia Petrópolis-Teresópolis/RJ. 2022. Tese (Doutorado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

LUCKESI, C. C. Filosofia da educação. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MORAES, A. C. R. Geografia: pequena história crítica. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2007. p. 40.

PINHEIRO, D. A.; FERREIRA, B. A etnogeomorfologia como possibilidade didática no contexto da educação ambiental = The ethnogeomorphology as a possibility in the context of teaching environmental education. Revista do CERES, [S. l.], v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/ceres/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

RIBEIRO, S. C. Etnogeomorfologia sertaneja: proposta metodológica para a classificação das paisagens da sub-bacia do rio Salgado/CE. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TROPMAIR, H.; GALINA, M. H. Geossistemas. Mercator: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 5, n. 10, p. 79–89, 2006.

TUAN, Y.-F. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad. L. de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y.-F. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

